

denominação  
**Fazenda Santa Rita**

código  
**AIII - F12 - Val**

localização  
**Estrada da Figueira, distrito-sede**

município  
**Valença**

época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**comercial (hotel) / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

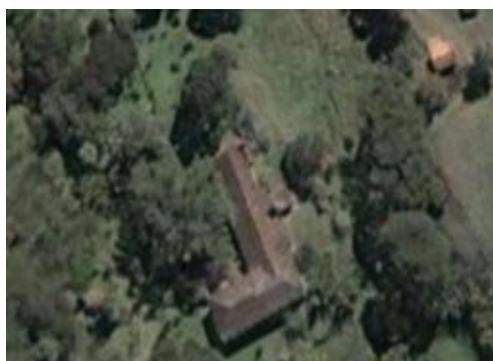
proprietário  
**particular**



situação e ambiência

A fazenda está localizada em local privilegiado, num vale contornado por montanhas e próximo ao Rio Bonito, em frente à cachoeira de Santa Inácia. Protegida em seu entorno por uma mata secundária e jardins, não é possível avistá-la da estrada.

A casa-sede apresenta características de casarão de um pavimento sobre porão elevado do solo, constituída por um bloco retangular coberto por um telhado de quatro águas.



00



52

coordenador / data  
equipe  
histórico

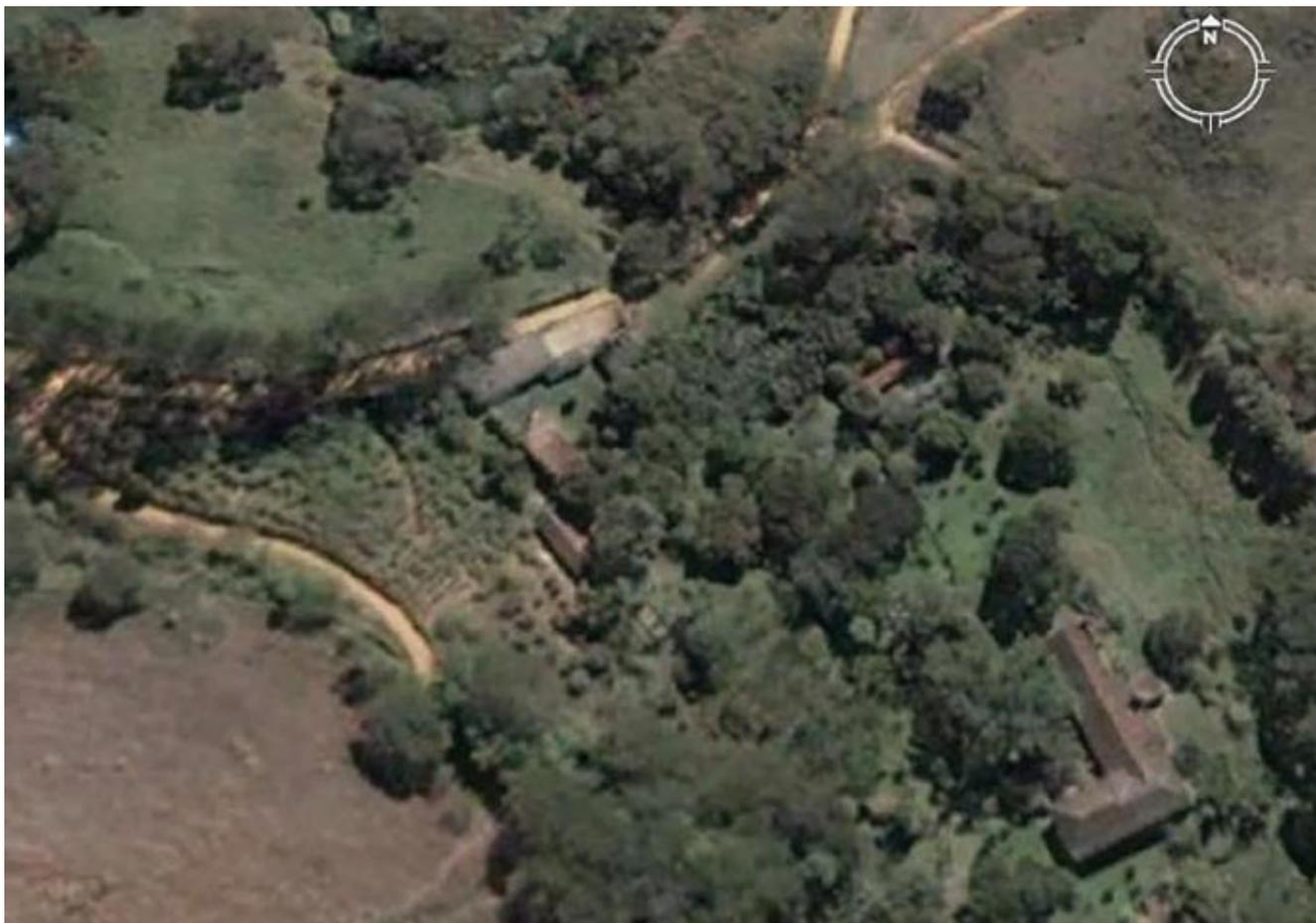
**Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007**  
**Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias**  
**Adriano Novaes**

revisão / data  
**Alberto Taveira - mar 2008**

Acoplado ao corpo principal, encontramos o remanescente da área de trabalho para produção do café – a tulha – constituído por bloco retangular coberto por um telhado de duas águas, hoje bastante modificada devido à adaptação de uso para a função hoteleira. Em frente à casa-sede e à tulha existia o terreiro de secagem do café, atualmente coberto por um extenso gramado com jardins (f.54 e 55). Não foi possível localizar o engenho e a senzala, pois, não existem indícios no local, nem dados históricos sobre o assunto.

Baseado nessas informações não podemos afirmar que o tipo de ocupação predominante em que a casa sede “fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, a tulha, engenho e as oficinas”<sup>1</sup> foi adotado como modelo.

1.Miranda, A. R., Czajkowski, J. *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



De acordo com a análise arquitetônica das casas-sedes, divididas em cinco categorias, extraída do livro *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, a casa-sede da Fazenda Santa Rita se enquadra no quinto tipo: “o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos, essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiadas sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou habitável – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe, mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o *piano nobile*, o que a diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalhou tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor”. (fotos: 52 e 53).

Assim, a casa-sede apresenta características de casarão de um pavimento com porão elevado do solo, constituído por um bloco retangular coberto por um telhado de quatro águas. Se analisarmos a sua história, podemos concluir que a edificação não teve função social: a fazenda era utilizada somente para trabalho. Tal fato justifica a volumetria da edificação, expressando uma maneira de construir despretensiosa e primordialmente prática. O acesso principal ao interior da residência se dá através de uma escada perpendicular à fachada frontal, chegando ao nível da porta de entrada.

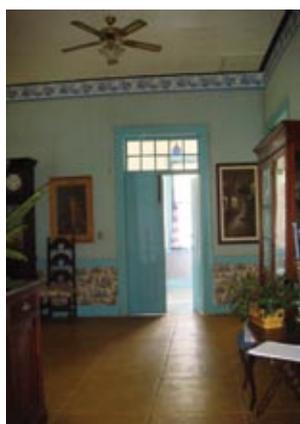
Acoplado ao corpo principal, encontramos um remanescente da área de trabalho para produção do café – a tulha, que é constituída por um bloco retangular coberto por um telhado de duas águas, mantendo uma seqüência de portas, hoje em sua maioria substituída por janelas. Encontra-se em péssimo estado de conservação.



05



06



07



10



11

Devido às sucessivas alterações, com o intuito de adaptá-la às necessidades de moradia e posteriormente à função hoteleira, não é possível uma leitura correta da configuração interna da casa-sede e da tulha. Tal afirmação é possível se analisarmos sua configuração em planta, notando que a referida sede e tulha fogem do sistema de proporções, relação e ritmo estabelecido por uma arquitetura neoclássica. Essas intervenções foram: a demolição de trecho da alvenaria histórica existente na antiga tulha, onde é possível encontrar sua alvenaria de embasamento em pedra; acréscimo para criação do compartimento para banheiro; subdivisão dos cômodos para criação dos compartimentos para quartos e banheiros; inserção de escada de acesso à segunda cozinha e execução de novas alvenarias de tijolo maciço ou furado.

Os beirais da casa-sede apresentam trecho com cimalha em madeira. Já nos remanescentes da antiga tulha, estes estão descaracterizados.

Os vãos de portas e janelas apresentam esquadrias em madeira em verga reta com sobrevergas nas esquadrias localizadas na casa-sede. As janelas mantêm tipos com guilhotinas e folhas cegas e nas portas há tipos com almofadadas, folhas cegas, folhas cegas com bandeira e folhas almofadadas com bandeira.

Destacam-se como elemento decorativo os cunhais em madeira.

A casa-sede apresenta estrutura autônoma de madeira de seção quadrada, com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique. Não foi realizada prospecção que comprove essa técnica construtiva, mas a mesma foi constatada através do afloramento da estrutura autônoma de madeira, da alvenaria de embasamento em pedra aparente e num trecho da alvenaria de pau-a-pique, também aparente.



15



53



54



55

Observou-se o apodrecimento dos elementos em madeira (verga, ombreiras, peitoril) das esquadrias em vários cômodos da casa-sede e da tulha (f.02, 03 e 04).

Foi construída uma capela de execução contemporânea, tratando-se de uma intervenção posterior (f.05 e 06).

Foi constatada a existência de aterro manual e a execução de contra-piso em concreto na casa-sede e na tulha (f.07, 08, 10 e 11).

As instalações elétricas acham-se sem proteção na tulha (f.12) e estão embutidas na alvenaria histórica, com utilização de argamassa de cimento para fechamento de rasgo na casa-sede e em partes da tulha.

Não foram observadas patologias nas fundações da casa-sede ou da tulha.

Nas paredes de vedação da casa-sede foi constatada a execução de novas alvenarias em tijolo maciço ou furado, na sala de jantar SJ e quando da criação dos compartimentos para banheiros (f.13 e 14). Observou-se a desagregação do reboco, com descolamento em placas, na sala de estar SE1 (f.03, 15, 16, 17, 18, e 20).

No remanescente da antiga tulha foram feitas novas alvenarias para a criação de compartimentos para quartos e banheiros, além de modificação de porta para janela, em virtude da adaptação de uso para função hoteleira. Notou-se a presença de mancha de umidade ascendente (f.21, 22 e 23).

Na cobertura da casa-sede não foi notada nenhuma patologia. Entretanto, naquela do remanescente da antiga tulha, há vazamentos de águas pluviais, apresentando degradação do reboco (f.24, 25 e 26). Foi constatada, também, a presença de vegetação na cobertura (f.27), bem como o apodrecimento de peças de madeira do telhado e a descaracterização do beiral (f.28).

A estrutura de madeira da casa-sede encontra-se em péssimo estado de conservação, causando desarticulação das alvenarias históricas (f.29, 30, 31, 32,33 e 34). Foi feita consolidação em concreto nas bases dos esteios apodrecidos (f.35).

No remanescente da antiga tulha, também com estrutura de madeira em péssimo estado de conservação, há desarticulação das alvenarias históricas (f.36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48 e 49), bem como o afundamento de assoalho, devido à deterioração das peças de barrotes de piso (f.50 e 51).



02



03



04



08



13



14



17



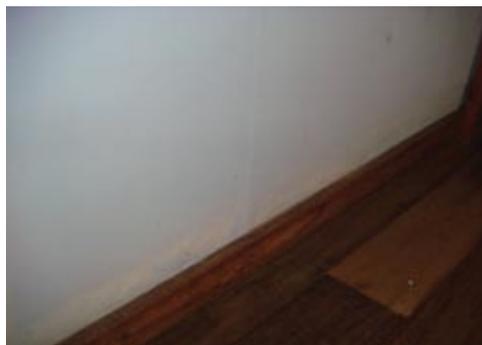
19



20



21



22



24



25



26



27



28



29



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40



42



43



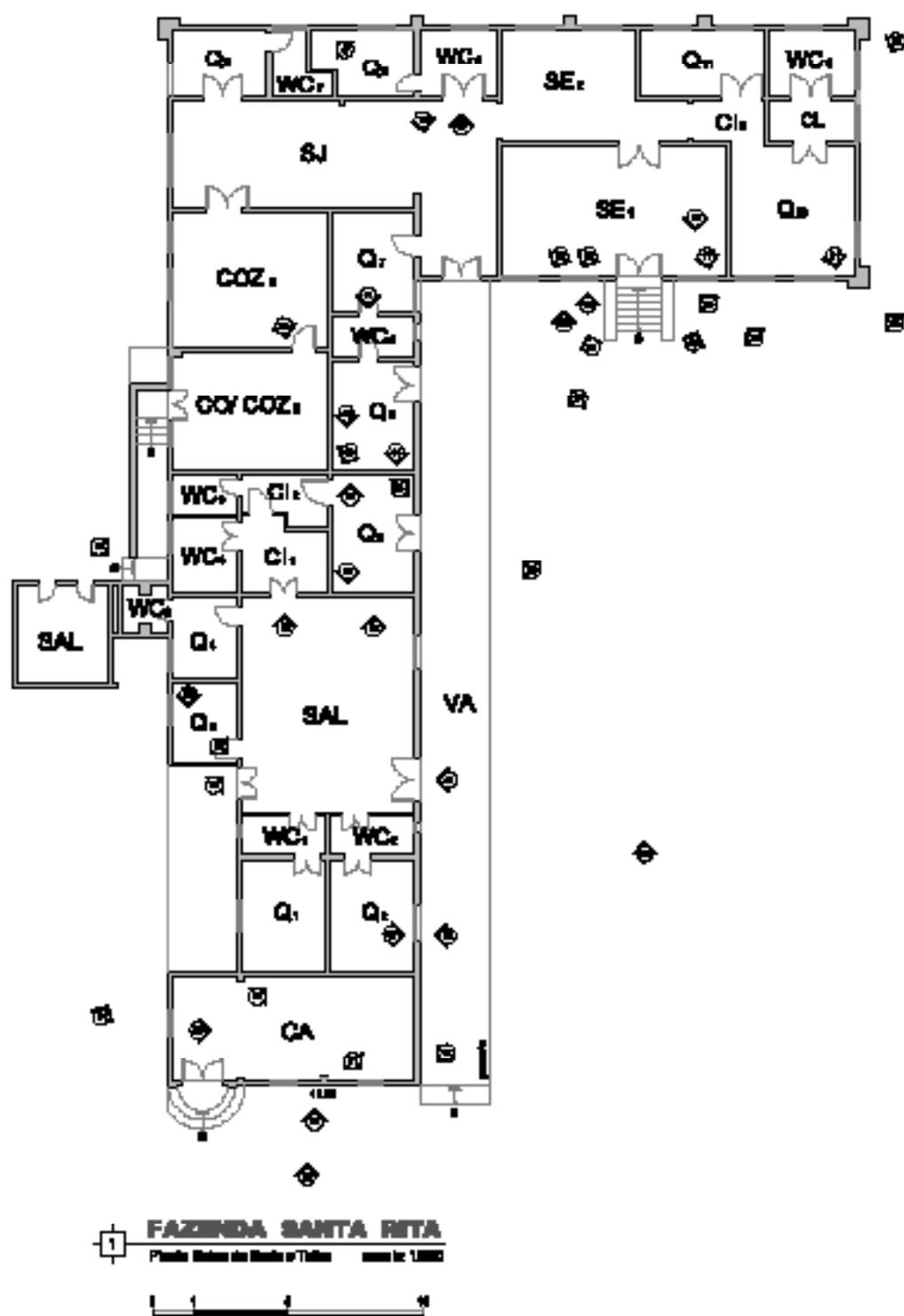
44



46



48



CA - cozinha    CL - closet    COZ - cozinha    SAL - salão    SJ - sala de jantar    WC - banheiro    ———— elemento moldado  
 CI - circulação    CO - copa    Q - quarto    SE - sala de estar    VA - varanda

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F12 - Val

1/1

escala:	desenho:	realizado:	data:
Tábua N. Kashhecura/ Ana Vivian Baurista/ Paulo Ariel G. Dias	Tábua N. Kashhecura	Françoys Bourquet	nov 2007

Com o esgotamento das minas de ouro na região de São João d'El Rey, em fins do século XVIII, muitos abastados mineradores abandonaram suas atividades e migraram para a região do Vale do Rio Paraíba do Sul a fim de dedicarem-se às atividades agrícolas. O advento do café, nas primeiras décadas do século XIX, e a distribuição de sesmarias, fez com que a migração se intensificasse ainda mais.

Foi neste contexto que os jovens irmãos Cipriano, Joaquim e Bernardo Gomes Figueira, saíram da longínqua Lagoa Dourada – município de São João d'El Rey – na busca do enriquecimento pela lavoura cafeeira. Estabeleceram-se, por volta de 1840, com pequenas propriedades, nas margens do rio Bonito, Sertão da Vila de Valença, em terras que adquiriram por compra feita aos herdeiros de José Pereira dos Santos, este, por sua vez, cessionário da sesmaria concedida em 1814.

A parte adquirida por Cipriano passou a ser denominada Fazenda Santa Rita do Rio Bonito, conforme escrituras em cartórios de notas de Valença. Consta nesta mesma escritura que a fazenda já produzia café, embora com pequena lavoura e alguma benfeitoria.

Cipriano, com ajuda do irmão Bernardo, aumentou as plantações, construiu a nova casa de morada, intensificou a produção de café e adquiriu mais escravos e terras. Muito jovem, porém, faleceu em sua fazenda no dia 04/01/1856. Solteiro e sem filhos, deixou seus bens em testamento aos sobrinhos, filhos dos irmãos vizinhos. Bernardo, tutor dos bens deixado pelo irmão, faleceu poucos anos depois, em Santa Rita, em 1859, deixando viúva e filhos, entre os quais, Ana Umbelina, casada com o tio Joaquim Gomes Figueira. Este, cujos filhos eram herdeiros de Cipriano, tomou a frente dos negócios.

Joaquim Gomes Figueira investiu na fazenda, ampliou cafezais e adquiriu sítios vizinhos, mas o futuro de riquezas foi interrompido por sua súbita morte em 21/08/1874. Deixou viúva e sete filhos, alguns ainda menores. Bernardino, o filho mais velho, administrou a fazenda em companhia da mãe até o final do século, quando Santa Rita foi adquirida por Francisco Bernardo da Luz Figueira – filho de Bernardo Gomes Figueira.

De todos os “Gomes Figueiras”, o que mais prosperou foi, sem dúvida, Francisco, que no final do século XIX possuía um complexo formado por oito propriedades, todas como unidades de produção de café, estas, capitaneadas pela fazenda Provença, onde residia com a família. Após sua morte, suas fazendas foram divididas pelos herdeiros.

Brasílio Bressane, avô de Mariazinha Bressane, comprou Santa Rita em 1912, buscando abrigo para sua numerosa prole contra a gripe espanhola, que então assolava o Rio de Janeiro. Contava com 100 alqueires geométricos, hoje reduzidos a 60 hectares. A senhora Mariazinha Bressane, que já tinha uma terça parte da propriedade comprou as outras partes dos dois herdeiros de sua tia Júlia Bressane que, por sua vez, adquiriu de vários irmãos seus, as partes que herdaram. Isto ocorreu em meados de 1985.

Na ocasião da compra, a fazenda estava abandonada e sua sede em péssimo estado de conservação. Recuperada a sede, foi adaptada para funcionar como pousada, com confortáveis e elegantes suítes para 18 hóspedes. Cercada de belos jardins projetados por Burle-Max a antiga sede da fazenda obedece ao estilo neoclássico, desenvolvido no Vale do Café na sua fase mais rica. Atualmente, pertence à filha de Mariazinha, Maria Gabriela do Amaral Alves.

Planta topographica da divião amigável que entre si fizerão José Corrêa da Silva, Joaquim Gomes Figueira e José Rodrigues Alves do terreno que possuem na Fazenda do Rio Bonito, s.a., 1866. (acervo Museu da Justiça).

